

## OFICINA

Bernardina Leal<sup>1</sup>

**RESUMO:** A oficina é aqui apresentada na condição de ofício de arte, como um modo de contato humano mais propício ao enfrentamento dos temas que irrompem nas investigações filosóficas coletivas com crianças e jovens. Suas peculiaridades são identificadas e relacionadas às disposições necessárias para experiências do pensar.

Palavras-chave: Oficina, Investigação filosófica, Experiência, Pensar.

**RESUMEN:** El taller – *oficina* en portugués - es acá presentado en la condición de oficio de arte, como un modo de contacto humano más propicio al enfrentamiento de los temas que emergen en las investigaciones filosóficas colectivas con niños y jóvenes. Sus peculiaridades son identificadas y relacionadas a las disposiciones necesarias para experiencias del pensar.

Palabras-llave: Taller, Investigación Filosófica, Experiencia, Pensar.

Se a oficina é o lugar onde se exerce um ofício; se este ofício é realizado com arte; se desta arte surgem artefatos, verificam-se transformações, emergem diferenças, elaboram-se maneiras, jeitos, artimanhas; se por iniciativa e vontade própria – de ofício – falas irradiam idéias e novas idéias irrompem; se encontros acontecem, se acontecimentos se encontram; se oficiam-se pré-ocupações e ocupações; se cuidados são produzidos; se sensações são criadas; se emoções são vivificadas; se intensa e profundamente suscita-se o desejo; se a experiência se prolonga e renova, então é sobre este lugar que quero falar: A Oficina.

Essa área de contato humano, sempre menos formal que as dimensões escolares e acadêmicas usuais, mais ativa e provocadora, menos valorizada hierarquicamente nos Congressos e Simpósios, mais convidativa e instigante, materializa, a meu ver, a arte do envolvimento. Envolvimento que implica movimento, que exige um contínuo volver, que revela o que cada um traz em si, o que se encerra em cada pessoa, o que podemos conter e nos importa. O compromisso de fazer-se presente, de confundir-se, misturar-se. A decisão em tomar parte de um grupo, de intrometer-se numa atividade. A opção por mesclar palavras, idéias, gestos e opiniões. A iniciativa de compromissar-se em ouvir, falar, silenciar, pensar com o outro. A ousadia de tentar abrir espaço à divergência, à concordância, à diferença...

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UERJ. Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora das relações entre Filosofia, Literatura e Infância. E-mail: dinaleal3@yahoo.com.br

A oficina, por seu caráter vivencial, pelo contato presencial que pressupõe e afirma, por envolver gente, nem sempre alcança o status social e reconhecimento merecidos. Esse tipo de trabalho diverge do conhecido trabalho acadêmico legitimado pelas características de isolamento, distanciamento e privacidade. A oficina não acontece apenas entre pares. Não se restringe a um grupo de amigos. Não busca críticas favoráveis. Dispensa referências, grifos e notas de rodapé. Os autores consagrados, quando convidados, se fazem presentes, compõem o diálogo. Eles não carecem ser explicados em longos enunciados, tampouco exigem tradutores ou intérpretes. São convidados por serem o que são, não por serem amigos. Podem não possuir idéias convergentes, pode ser que nem mesmo façam parte do mesmo círculo social. Ainda que não gratos, são convidados. A oficina acontece, também, entre estranhos. Ocupa espaços públicos. Se faz coletiva. Expõe-se. Não teme ser contaminada por pessoas. Ao contrário, precisa delas. Constitui-se de palavras, idéias, emoções e sentimentos carentes de corpos para encarnar. Não teme ser simples. Simplicidade aqui não significa estado bruto ou redução. Simplicidade, neste caso, é o resultado de um grande esforço de lapidação. Saem os excessos, o acúmulo, tudo o que é desnecessário ou ornamental. Fica o simples, o nu.

Assim se dá uma oficina de filosofia. É desse modo que se envolvem os “filosofeiros”, assim identificados por uma criança em um desses encontros. Eles exercitam um pensar coletivo e investigador. São eles as crianças e jovens, seus professores, os pais, todos os que partilham os encontros propiciados. Esses “filosofeiros” colocam em questão a obviedade das coisas, inquietam-se diante de fatos corriqueiros, problematizam o contexto no qual estudam, trabalham, convivem. Ocupam-se das questões que elaboram com vigor e, nas respostas que alcançam, são reticentes. Tornam-se insaciáveis. Estão sempre à busca de mais e mais perguntas, novas e outras respostas. Às vezes parecem acomodar-se após uma jornada. De súbito, inquietam-se. Novamente lançam-se na incessante procura. Mesmo repetidas, algumas questões se fazem novas. É que embora tenham a mesma estrutura lingüística, elas já não significam o mesmo, possuem novos sentidos.

Esses artífices têm muito trabalho, dão trabalho, dividem trabalhos. Sabem quão trabalhoso é viver. Desconfiam: Talvez não seja bem assim. Colocam em suspenso: E se não for deste jeito? Resistem à autoridade: Quem disse ser assim? Provocam: Que tal

pensarmos de diferentes maneiras? Refletem: Podemos repensar, redimensionar, rever? Buscam fundamentos: O que é isso, afinal? Convidam ao diálogo: Que tal pensarmos juntos? Esclarecem: Pensarmos juntos, não o mesmo, não do mesmo modo, mas entre nós.

Não. As oficinas de filosofia não são assim. Elas se fazem assim e de muitas outras maneiras, algumas impossíveis de antecipar. Como prevêê-las? Indesejável antecipá-las. Prepará-las, sim. Precipitá-las, não. Propiciá-las, talvez. Antes de ocorrer, no período de tempo que a antecede, na organização dos recursos, na seleção de textos, diante das possibilidades de procedimentos, na pré-ocupação com os temas suscitados, a oficina, ela própria, antecipa-se. Toma, de súbito, a cena. Mas sempre trapaceia. Raramente continua a mesma. É que ela se faz outra no momento de sua realização. Nunca se sabe como chegará. Ela despontará como um evento, um acontecimento eventual que imporá uma quebra na rotina do previsto. É este um dos aspectos mais fascinantes de uma discussão filosófica coletiva: ela não se deixa antever. Atrai e surpreende. Exige disposição. Nem sempre agrada. Às vezes desconcerta. Muitas vezes incomoda.

Não é fácil, embora seja prazeroso fazer parte de uma oficina filosófica. “Ai, quanto trabalho me dá querer-te como eu quero!”, reclama Garcia Lorca e, num relance, nos faz pensar que as coisas com as quais mais nos envolvemos, às quais bem queremos, nos dão, quase sempre, muito trabalho... Este trabalho que a oficina exige, de dispor-se ao outro, de relacionar e articular pensamentos, idéias e palavras, de se expor a enfrentamentos e críticas, gera também certa agonia, certo desconforto. Não nos parece possível, contudo, evitar tal desconforto. Se procuramos entender, se nos preocupa o viver, se nos sensibiliza o cotidiano nosso e de outrem, se nos comove a infância, se nos alcançam certos apelos, não há como deixar de ouvir estes chamados. Somos impelidos à resposta. Tornamo-nos correspondentes. Nos situamos junto. Respondemos ao lado.

Quem integra uma oficina, a constitui. Insere-se num campo de ação. Inscreve-se. Uma vez inscrito, circunscreve um espaço do qual faz parte e no qual outras pessoas são recebidas. Em qualquer momento pode iniciar-se um diálogo filosófico. O interesse do grupo, a espontaneidade das participações e o nível de envolvimento de cada um nas questões levantadas suscitam os desdobramentos próprios de uma investigação

filosófica. Este exercício do pensar não se dá apenas como treino ou preparação, mas como um processo de busca individual e coletivo que inclui saberes, políticas, afetos. A incompletude destas oficinas revela-se no não esgotamento de suas possibilidades de realização, na tendência a prosseguimentos ou prolongações. Alongar a atividade implicará na busca de novos processos investigativos, novas possibilidades de ação, percepção e relação. Lidar de modos distintos com situações não-usuais favorece um pensar mais aberto, sensível à diferença, preocupado com o outro dos outros e também com o outro de si.

A oficina traz consigo esta aparente contradição: é coletiva, na medida em que acolhe significados comuns, intersubjetivos, mas é também individuante, pois exige um pensar que não repita nem imite ao outro, um pensar que seja tão livre quanto possível. Essa combinação de aspectos individuais e coletivos consubstancia o *entre* do encontro. Da diversidade irrompe algo comum, surge certa unidade. Emerge, então, um grupo. Nesse espaço comum, amplo o bastante para cobiçar diferenças, perspectivas individuais são colocadas em interação com o outro. Esse local de partilha, este espaço existencial e interpretativo é um estar junto. Não há apropriação. Não se trata de um patrimônio ou propriedade. O que emerge desse encontro não pertence a um sujeito ou objeto. É algo que se cria na relação que se estabelece, algo que se dá sem ter pertencido. Estruturado e regido por uma dinâmica única, pode ser considerado puro acontecimento. Cada oficina se faz única, una e solitária. Não se trata, porém, de uma solidão resultante do isolamento. Essa solidão se dá pela desapropriação. É como estar a sós, em companhia de outros, sabendo-os *outros*, despojados, todos, daquilo que cada um poderia ter por próprio.

Esse espaço de diferença, de interrogação constitui-se, inevitavelmente, de questionamentos múltiplos. Indaga-se sobre os objetos, sobre os saberes, sobre os outros, sobre cada um e sobre si mesmo. Há o suposto de que o pensar se desperte por uma pergunta. Nos limites desse espaço delineado, não apenas pelo outro, mas também pelas fronteiras da subjetividade de cada um, ocorre um processo de múltiplas transformações. O comum se revela na diferença. Nada está isolado. Tudo o que precede ou dá seguimento a uma colocação, afirmação ou pergunta está em relação. Daí a especificidade de cada experiência do pensar. Se o que ocorre é uma relação suspensa no tempo, à medida que as pessoas atravessam o espaço recém-criado da discussão

coletiva, ela se torna única. Não se repete. Se faz experiência. Perpassa cada um naquele momento, naquela relação, com aquele grupo. Surge de um encontro, num espaço discursivo que não pertence a um ou a outro. Esse espaço desapropriado, simbolizado pelo círculo que se forma, cria um limite constituído pelas pessoas que o conformam, mas também circunscribe um espaço vazio interno, um *entre*.

*Entre* – o espaço que vai de um lugar a outro; o intervalo que une e, ao mesmo tempo, separa; o espaço no qual algo se encontra; o meio-termo, o intermédio. O *entre* é o espaço próprio da oficina. É ainda o apelo que ela nos faz: entre, entranhe-se, atreva-se. Venha conosco. Sinta-se convidado. Entre, entre nós. O *entre* é uma figura da entrada, do entrar, do intrometer-se, do estar metido no meio, de estar junto.

Em uma oficina não há como não entrar. Não se pode assistir de fora, como a uma palestra. Em uma oficina se entra ou não se atende, nem entende, o apelo. Atendemos o chamado. Nós somos os entrantes. Somos aqueles que estão prestes a começar; em pleno devir. Quando decidimos entrar, passamos de fora para dentro. Não estamos mais à parte. Fazemos parte. Incluímo-nos. Introduzidos nas entranhas de uma discussão filosófica coletiva aprofundamos nossas e outras idéias, penetramos nossos e outros pensamentos, nos enfiemos na trama que tecemos com fios desiguais. São diferentes tonalidades, espessuras e tamanhos que se misturam. O tecido é uno. Os fios, variados. O ofício, comum.

Esse trabalho artesanal que se opera numa oficina inclui dedicação, tempo, atenção. Nesse espaço trabalha-se a matéria-prima dos textos. É preciso esforço. Há que se extrair arte dessa matéria. Uma vez percebida como matéria de arte, selecionada e talhada, adquire forma, vivifica o até então imaginado. Como na fabricação de um móvel rústico, não se despreza a beleza anterior da árvore. Com carinho, ao contrário, valorizam-se os nós, as nuances de cores, a tessitura, a forma natural. A intervenção do artesão não se faz violenta, mas respeitosa. Ele admira a beleza da árvore e atua nela de forma também bonita. A árvore se transforma em madeira, a madeira em móvel, o móvel em artesanato, o artesão, em tudo isto. Talvez nem seja mais uma intervenção. Quem sabe já se trate de um consentimento, uma mútua rendição.

É desses lugares onde exerço meu ofício, de minhas oficinas que quero lhes falar. Sobre esses tantos espaços criados, diversamente espalhados, pluralmente constituídos, animadamente compartilhados, já não posso seguir dizendo que são meus.

A não ser por força do linguajar habitual, não o teria feito. Não, não são minhas as oficinas. Nunca me pertenceram. Quem sabe eu tenha pertencido a elas. Delas fiz e faço parte. Nelas continuamente me transformo. Desapropriei-me de mim mesma e continuo a desprender-me a cada novo encontro. Recebi e recebo muitos outros. Compartilhamos espaços. Muitos também se desapegam, não apenas daquilo que sabem ou acumulam, mas de si mesmos. Que alívio! Sem nossas cargas, cargos e títulos, desobrigados de nossos discursos, deixamos nossas idéias avançar, recuar, romper. Cada fala, gesto, atitude, silêncio e escuta é então valorizado. Nestas oficinas o exercício de estar com o outro, de ser gente, de estar no mundo é feito com arte. É artefato.

De tal arte nos envolvemos nas oficinas filosóficas, que nos descuidamos de registrá-las devidamente. É com esse intuito que tentaremos aqui resgatar algumas destas experiências. Muito terá nos escapado. Parte do que vivenciamos será impossível recuperar. Mas o que permaneceu em nós, muito daquilo que nos passou, parece importante repartir. Quem sabe possamos também repartir o que nos falta, o que ainda não ocorreu, o desejo de encontrar o que está por vir...

Começamos pelo já feito. Vejamos ilustrações de como discussões filosóficas coletivas podem se compor em oficinas. Nela se evidenciam procedimentos, aportes teóricos, práticas realizadas. Elas não são sequenciais ou ordenadas. São elaboradas a partir da disposição ou interesse em colocar em questão algum tema, texto ou conteúdo. Às vezes surgem da necessidade de discutir idéias, de diversificar pontos de vista, de contrapor conhecimentos já adquiridos sobre a questão. Mesmo que se trate de um assunto já posto, já fossilizado pelo vocabulário de ordem, seja de um livro didático ou de um dispositivo oficial, não importa. Uma oficina de filosofia com crianças se interessa menos pelo conteúdo e mais pela maneira de abordá-lo. É imprescindível que haja uma problematização, que esta problematização possibilite uma discussão, que nesta discussão idéias possam ser articuladas, contrapostas, complementadas, aprofundadas. Esse movimento aporta respostas e adiciona perguntas. É imperioso que sejam colocadas em questão as relações entre nós, as nossas relações com o saber, com nós mesmos.

Não estamos seguros de estarmos fazendo filosofia. Por diversas vezes a pergunta nos é lançada: Isso é filosofia? Muitas vezes nós nos fazemos esta mesma indagação. No entanto, a resposta nem sempre é a mesma. Não há como garantir que o

que realizamos seja, na verdade, filosofia. Quem o saberá? A dúvida gerada pela pergunta reflexiva nos dá indícios de estarmos num caminho pleno de sentidos. Afinal, perguntar a si mesmo, sobre si mesmo, é próprio da filosofia. Talvez ainda não saibamos o bastante sobre a identidade da filosofia a ponto de precisarmos os locais de sua presença ou ausência. Quem sabe nosso percurso, nosso caminho, deva seguir esta pergunta, nossas oficinas deixarem-se permear por ela, deixarem-se abrir pelos seus interrogantes. Assim não correremos o risco de, considerando-nos filósofos a filosofar, pararmos de perguntar sobre nós mesmos e sobre o que estamos a fazer. Ao menor descuido estaremos sendo arrogantes. Impossibilitaremos o afloramento do novo. Não nos permitiremos surpresas. Teremos previsto tudo. Saberemos muito. Faremos apenas e totalmente o planejado. Tudo terá sido executado, eliminado, ao final de um encontro.

É preciso cuidado. As oficinas aqui narradas não se pretendem modelares. Elas ilustram o que pensamos das relações entre filosofia, educação e a arte. Nasceram de encontros desejados, de perguntas inseridas nelas próprias e adquiriram um movimento diferenciado. Algumas oficinas cresceram tanto, que já não cabiam mais em nossas salas de aula. Ansiavam ser expandidas, pronunciadas, divulgadas, compartilhadas. Por isso estão aqui, apresentando-se a vocês. A todos que se predisponham a recebê-las. Elas formaram-se de tantas e variadas maneiras... Assim adquiriram formas. Não se obrigariam a permanecer as mesmas. É possível aprender com elas, mas não parece possível ensiná-las.